

1 Introdução

Não sei por que guardei na mente a notícia da morte de Karl Barth ouvida no rádio em dezembro de 1968. Tinha apenas 13 anos de idade. Anos mais tarde, no seminário, ouvia aqui e ali referências a este grande teólogo ainda que seus textos fossem proibidos e apresentados como autor de uma nova heresia. O jornal da denominação apresentava artigos traduzidos de teólogos reformados conservadores denunciando o caráter não reformado das afirmações de Barth. Mas fui sendo despertado para ler este homem que havia mudado a forma de pensar teologia no século XX. No entanto, inicialmente me deparei com artigos contrários que não me convenciam da ausência de ortodoxia do teólogo de Basel. Na verdade eu não sabia bem o que era ortodoxia. Só sabia que me atraía sua teologia da palavra de Deus.

Por outro lado, nos anos de 1970 eram nulos os textos desse autor em português. Os primeiros contatos com sua teologia foram a partir de artigos e pequenos livretos. Um dos primeiros que li foi um de autoria de A. D. R. Polman escrito originalmente em holandês, traduzido e editado em Recife no ano de 1969. O fundamentalismo moderno saiu na frente na apreciação crítica da obra de Karl Barth e tive algum sucesso nessa iniciativa porque, anos mais tarde, quando efetivamente se começou a falar de Barth nos seminários de teologia seus textos, mesmo sem terem sido lidos, eram considerados perigosos e contrários ao Evangelho. Na minha denominação, uns poucos pastores que liam em inglês ou francês preferia ler Barth a partir da crítica mordaz de Cornelius Van Til que negava ser Barth de fato um teólogo reformado. Seu primeiro livro sobre ele foi *The New Modernism* (1947) e dois anos depois, a título de rever suas afirmações afirma em seu novo livro – *Christianity and Barthianism* – (1949), que seu conceito sobre Karl Barth era o mesmo de antes.

Não conheço um único texto de Barth em português naqueles anos de intensa crítica sobre sua obra, lida de segunda mão. Tive um único professor,

único em vários sentidos, que lia Barth às ocultas. Não seria bem visto pelos seus pares. Nunca o vi citando este autor. Possuía no entanto um exemplar de *The Word of God and The Word of Man*, texto de 1928. Barth podia ser lido também em espanhol a partir dos anos de 1950. Foi M. Gutierrez-Marin que se propôs traduzir Barth para a língua espanhola depois de ter conversado com ele durante a Assembléia inaugural do CMI em Amsterdam em setembro de 1948. O livro saiu em Buenos Aires em março de 1954. Era o *Bosquejo de Dogmática*. Em 1966 a Methopress de Buenos Aires traduziu *Retrato de Karl Barth*, de Georges Casalis e Emilio Castro que foi aluno de Barth em Basel traduziu *Comunidad Civil y Comunidad Cristiana* em 1967. No entanto esses textos, sejam pelos autores, sejam pela língua espanhola, ainda são desconhecidos por grande parte da comunidade acadêmica de teologia.

O que havia a respeito de Barth eram traduções de artigos, conferências e capítulos de determinadas obras que nos Estados Unidos e Europa eram produzidos por autores fundamentalistas para combater principalmente o não reconhecimento da Escritura como Palavra de Deus. Esses textos eram produzidos de forma tão apressada que as edições não continham sequer o ano de publicação. A Casa Editora Presbiteriana publicou (sem data) um livreto de Pierre Courthial intitulado *O Conceito Barthiano das Escrituras Visto da Perspectiva Reformada*. (O texto original, em francês é de 1966); a Ação Bíblica do Brasil e a Livraria Editora Evangélica publicaram *Neo-Modernismo ou Cristianismo? O barthianismo à luz da Palavra de Deus* de Francis Schaeffer. (sem data). Panfletos eram distribuídos entre as igrejas para alertar sobre o perigo desta nova teologia. Um deles, “Uma Nova Heresia” é tradução de artigo publicado no *Sunday School Times* em dezembro de 1946.

A reação a essa onda de radicalismo teológico não chegou a acontecer. Primeiro por desinteresse de quem podia de fato apresentar uma resposta lúcida e equilibrada. O fundamentalismo não dialoga. Apenas diz. Não tem interesse de ouvir a resposta. Confunde a sua teologia com a inspiração para falar. Segundo, os pensadores que podiam responder a estas questões ainda estavam em formação nos EUA e na Europa, alguns deles estudando com Barth e Tillich. Barth nunca negou a doutrina da inspiração da Escritura. O que ele sempre fez foi fazer distinção entre inspiração verbal e inspiração literal. Ele diz que a primeira é irrenunciável na medida em que a Escritura testemunha de Cristo, o Verbo divino.

A segunda ele rejeita por ser uma tentativa de dar uma garantia miraculosa para o testemunho escriturístico. Para ele esta era a verdadeira heresia.

Fora das discussões teológicas Barth era admirado por sua atitude cristã corajosa em sua atuação política durante a Segunda Guerra Mundial. Sua expulsão da Alemanha nazista em 1935 o conduziu a ser uma voz desde a Suíça no combate ao Nacional Socialismo. A Editora Paz e Terra publicou em 1971 o texto *Karl Barth, Teólogo da Liberdade*, (o original francês é de 1967) livro que resgata a sua trajetória política desde o ano de 1933 até o ano de 1960. Daniel Cornu, o autor, afirma que “Barth foi o teólogo que teve a coragem de descer do púlpito e ir para as ruas mostrando sua inquebrantável confiança n’Aquele que nos impele a isso.”

O despertamento para ler Barth veio de uma revista cuja circulação teve início em maio de 1968. Era a *Simpósio*, publicação da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, entidade fundada em dezembro de 1961. Em um artigo de julho de 1972, Clory Trindade de Oliveira, professor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em Rudge Ramos, SP, faz uma análise comparativa entre a ética de John Wesley e Karl Barth. (*Ética em Dois Tempos*, *Simpósio*, 8). Mais tarde a *Simpósio* publica outro artigo sobre Barth desse mesmo autor: *A Teologia de Karl Barth e a Missão da Igreja* (*Simpósio*, 20, Dez/1979). Continuei a ler Barth através da *Simpósio*. Dois artigos me chamaram especialmente a atenção: *A Teologia de Karl Barth e a Base Teológica da Missão*, de Parke Renshaw, pastor metodista, professor da Universidade Metodista de Piracicaba, SP. (*Simpósio*, 24, dezembro/1981) e *Karl Barth e Comunicação*, de Elisabeth Hilke, dos EUA. (*Simpósio*, 30, dezembro/1985).

Havia simpatia por Karl Barth em alguns meios teológicos do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Costa Rica. A hoje, Escola Superior de Teologia (EST), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, situada em São Leopoldo RS, sempre apreciou com respeito a teologia reformada de Karl Barth. Foi Rudolf Von Sinner, da EST, que me chamou a atenção para o fato de Barth ter influenciado bastante os teólogos luteranos abertos à temática da libertação, como Walter Altmann. No início dos anos de 1960 Barth e Bonhoeffer foram os grandes nomes, mais tarde Tillich, a ocupar o debate teológico nessa importante escola de teologia do sul do Brasil. Martin Dreher, que conhece bem os debates ao redor de Barth na EST nos anos 60/70, narra algumas dessas experiências no *Festschrift*

para Milton Schwantes (Profecia e Esperança; um tributo a Milton Schwantes, Oikos, 2006) onde descreve as andanças na época. O mesmo se encontra também na publicação *Estações* sobre os 60 anos da EST.

Mas foi somente no início dos anos de 1980 que se começou efetivamente a publicar Barth no Brasil. Foram os luteranos os pioneiros. A Editora Sinodal publicou *Introdução a Teologia Evangélica* (1981) e depois uma coletânea de textos organizados por Walter Altmann com o título: *Karl Barth: Dádiva e Louvor; artigos selecionados*. (1986). Finalmente havia algo de Barth em língua portuguesa. O Seminário Presbiteriano Independente de São Paulo dedicou todo um número de sua revista teológica para comemorar o centenário de nascimento de Karl Barth em 1986. Uma nova geração de estudantes de teologia começou a ouvir algo acerca do teólogo de Basel em sala de aula. As caricaturas teológicas começavam a ser desmascaradas. De forma incipiente Barth começou a ser estudado com seriedade e respeito ao seu exaustivo trabalho. Uma frase de Barth falando sobre a extensão de sua obra sempre me vinha à mente: “você não quer ler tanto? Não espero que ninguém o faça; mas não posso dizer que acho correto quando pessoas falam sobre algo que não estudaram direito.” (How my Mind has Changed).

Na primeira década do século XXI uma editora de São Paulo (Novo Século, hoje Fonte Editorial) resolveu publicar textos de Barth até então desconhecidos para o público brasileiro. Começou com o *Fides Quaerens Intellectum* (Fé em Busca de Compreensão, 2000) seguido logo depois pelo *Der Römerbrief* (Carta aos Romanos, 2002). Depois disso vários outros textos se somaram a estes e tem contribuído para que se conheça Barth por si mesmo.

Ao examinar sua teologia através de milhares de páginas de sua *Church Dogmatics* deparei-me com um homem universalmente respeitado. Ele se equipara a Basílio, Atanásio, Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino e Schleiermacher. Recebeu onze doutorados *Honoris Causa* sem nunca ter feito uma tese doutoral. Concordo com Bernard Ramm quando afirma que nunca entendeu como um teólogo como Barth que defendeu o nascimento virginal, a ressurreição corporal e cósmica e a visível volta de Cristo podia ser tão admirado por pessoas que em sua grande maioria não concordaria com ele? (*After Fundamentalism*). Ao mesmo tempo, dezenas de parágrafos de sua *Faith of the Church* - palestras sobre o catecismo de Calvino - podiam ser recitadas diante de

teólogos reformados conservadores que dariam endosso a essas afirmações como sendo procedente de sólida teologia evangélica.

Barth foi um teólogo genial. Seu conhecimento da história da teologia é impressionante. Dialogou com toda a história da Igreja. Citava os Pais da Igreja no original latino e grego. Conhecia os teólogos da Idade Média e os pais da Reforma Protestante. Citou Lutero e Calvino mais do que qualquer outro teólogo da história da teologia. Uma vez se deu o direito de faltar a uma aula sobre Calvino alegando depois que não estava suficientemente preparado para falar sobre ele.

Esta tese pretende mostrar de que maneira a teologia de Barth influenciou e ainda tem influenciado a teologia latino-americana. A presença de Barth se faz sentir nos escritos de teólogos e teólogas católicos e protestantes do continente. Não nos encontramos diante de um Barth. São múltiplos: o Barth de formação liberal, o Barth dialético e o Barth da analogia da fé. Por isso os juízos precisam ser distintos. Para se chegar a este último é necessário percorrer os caminhos tortuosos da reflexão teológica do início do século XIX e XX à luz de toda a teologia desenvolvida desde Lutero, Calvino e Schleiermacher.

O trabalho é dividido em duas partes. O sistema adotado na PUC-Rio é o de se numerar a Introdução e a Conclusão. Desta forma os capítulos da primeira parte compreendem a numeração de 1 a 4. Na primeira parte apresentamos a influência recebida por Karl Barth desde a teologia dos reformadores (capítulo 2), passando pelo liberalismo teológico e socialismo religioso presente na teologia alemã e suíça desde as últimas décadas do século XIX (capítulo 3). Destaca-se aqui a importância dos dois Blumhardt, Johann e Christoph - pai e filho - que contribuíram decisivamente para a visão eclesiológica de Barth. O capítulo termina com a ruptura de Barth com a teologia do liberalismo, suas decepções, pastoreio e leitura de Lutero que o conduziram a um retorno às Escrituras, já sinalizado por Adolf Schlatter e Martin Kähler. No entanto, coube a Barth a reorientação da teologia a partir de seu *Der Römerbrief*. É uma fase de intensa luta, prática cristã, vivendo o socialismo cristão que se tornara uma forte opção da época, dada a decepção com os sistemas capitalistas. Em Safenwill, ele pode praticar o Evangelho de Jesus Cristo ao repartir a Mesa com seus paroquianos, empregados/as têxteis, explorados/as e marginalizados/as. Com seu amigo Eduard

Thurneysen, pastor em uma comunidade próxima, iniciou um processo de aproximação do texto a partir da realidade.

No capítulo quatro apresentamos a eclesiologia propriamente dita do teólogo de Basel. A ênfase recai sobre o trabalho teológico de Barth. Para ele a teologia é uma tarefa da Igreja e para a Igreja. Não é um trabalho de especialista, mas de pessoas que vivem a experiência de fé em suas comunidades. É no âmbito da Igreja que Deus fala à comunidade. Esta comunicação se dá por meio da livre decisão de Deus de se revelar. A Revelação vem ao nosso encontro por meio da Escritura, da Proclamação do Evangelho e da Pessoa de Cristo. Barth afirma que não sabemos falar de Deus: diante dele devíamos silenciar. É a teologia apofática. O sagrado é o mistério. Deus é o *Totaliter Aliter*. No entanto seu desenvolvimento teológico a partir do *Fides Quaerens Intellectum* estabeleceu o Ponto de Contato entre o Eterno e o Temporal. Jesus Cristo, o Deus-Homem, vem ao nosso encontro, e em sua humanidade, nos ensina a orar e a falar com Deus. A Igreja é a comunidade cristã que se distingue da comunidade civil embora faça parte dela. Ela é a comunhão dos santos formada pelo poder do Espírito Santo para exercer seu apostolado profético a partir do sofrimento daqueles que são submetidos a toda sorte de injustiça.

Barth afirma que a teologia está a serviço da Igreja. Ela conduz o povo de Deus a exercer plenamente suas potencialidades, como comunidade dinâmica, prestadora de serviço e disposta a agir e intervir nas situações cotidianas de cada pessoa, mas também com gestos e ações nas situações limites da existência, quando se torna necessária a denúncia do pecado e da injustiça. Por meio da proclamação da Palavra, da ministração dos sacramentos, o Evangelho se torna importante fator de mudanças concretas na sociedade civil, na política, na economia e na ordem do Estado. O Deus da Bíblia retratado na *Church Dogmatics* é o Deus que luta ao lado dos oprimidos e destrói o causador da injustiça. Barth, em um dos momentos cruciais de sua vida, foi criticado por levar o Evangelho às últimas consequências ao denunciar a necessidade de se distinguir entre o Estado Legítimo e o Ilegítimo. Afirma que é preciso não só denunciar, mas enfrentá-lo. Isto o conduziu a se tornar uma voz profética desde Basel.

A segunda parte é composta de quatro capítulos (5 a 8). No primeiro o autor apresenta o estatuto da teologia latino-americana, seus primórdios desde os discursos desenvolvimentistas que levaram a criação de organismos destinados a

contribuir para promover o desenvolvimento do continente. Exemplo disso é a Aliança Para o Progresso do governo dos Estados Unidos da era Kennedy. No entanto a teoria desenvolvimentista não contribuiu para tirar o continente do estado de miséria em que vivia. Um texto fundamental para este período é *As Veias Abertas da América Latina* de Eduardo Galeano que denuncia o saque ao continente que persiste desde o descobrimento por parte das nações européias e perdura desde então. O autor da tese buscou também recuperar a teologia de Bartolomeu de las Casas, precursor privilegiado da teologia que se desenvolveria em meados do século XX.

No segundo capítulo é apresentada a influência de Barth a partir de algumas teologias latino-americanas. O trabalho será feito por amostragem dada a dimensão enorme dessa influência. Foram escolhidos os teólogos: Richard Shaull, presbiteriano dos Estados Unidos que chega ao Brasil na década de 1950 e apresenta uma teologia que ficará conhecida como Teologia da Revolução. O segundo teólogo é o metodista argentino José Miguez Bonino cuja teologia se caracteriza pela denúncia do colonialismo e imperialismo que ainda predomina na América Latina. Seu livro *A Fé em Busca de Eficácia* escrito na época da forte repressão policial em seu país de origem, teve que ser publicado no exterior. A obra original (*Doing Theology in a Revolutionary Situation*) foi lançada em 1975 nos Estados Unidos e posteriormente traduzida para sua língua materna. O terceiro teólogo é o católico peruano Gustavo Gutierrez que suspeito tenha herdado de Barth a metodologia teológica presente em sua obra. Ele afirma explicitamente em sua *Teologia da Libertação* que “a teologia vem depois.” (p.24). Ela é ato segundo gerada a partir da práxis. Não é a teologia que gera a ação pastoral, mas o contrário. A última abordagem é feita a partir da teóloga metodista mexicana Elsa Tamez, biblista que se radicou na Costa Rica e dedica-se a produzir uma leitura bíblica a partir do pobre. Sua hermenêutica é devedora àquela de Karl Barth. Em sua tese doutoral (*Contra Toda a Condenação*) expõe a doutrina da justificação pela fé numa perspectiva latino-americana. Ela afirma que aqui se chama solidariedade o que Barth denomina de reconciliação.

O terceiro capítulo dessa segunda parte procura mostrar a proximidade da teologia de Barth com a teologia que se desenvolve no continente. Barth será apresentado como esteio para fomentar uma nova realidade teológica latino-americana. Procurarei mostrar que é um mito o fato desse autor ser apresentado

como um teólogo que não contempla a dimensão social e histórica do ser humano. Seu discurso é profético para um mundo em transformação. Mostrarei que Barth, diferentemente de Tillich, fala primeiro do Evangelho. A partir daí analisa a condição humana na sociedade. Esse é o seu método para apresentar o querigma cristão.

Em Barth se parte da prática que conduz à teoria e esta, por sua vez, a uma nova prática. O teólogo eclesiástico aprende seu ofício não na Academia, mas na vivência da sua fé. Suspeita-se que aqui haja uma forte influência do Pietismo. Se assim é, é certo que ele teria ido além da atitude subjetiva dos pietistas, pois, à exemplo de Bonhoeffer não imaginava uma fé cristã dissociada da sociedade. Foi o primeiro a falar de um cristianismo sem religião, mas não sem a vivência comunitária.

Para chegar a esse Barth, a pesquisa se centra nos seus principais textos desde *Der Römerbrief*, texto revolucionário, *Fides Quaerens Intellectum*, sua inacabada *Church Dogmatics*, *A Humanidade de Deus*, texto fundamental para o pensamento barthiano, uma obra pequena em volume e grande em conteúdo. Utiliza-se tanto do texto em português como de uma edição americana (*The Humanity of God*) com um ensaio introdutório do próprio Barth com o título “Evangelical Theology in the 19th Century”. Serão utilizados textos originais (BARTH, Karl. *Der Römerbrief*. Erste Fassung – 1919; MARQUARDT, Wilhelm. *Theologie und Sozialismus*; das Beispiel Karl Barths, 1972) e edições de textos de Barth em inglês, francês, espanhol e português. Algumas obras secundárias terão destaque como os textos de Eberhard Busch, (*Karl Barth: His Life from Letters and Autobiographical Texts*); Hans Urs von Balthazar (*The Theology of Karl Barth*) e Kimlyn J. Bender (*Karl Barth's Christological Ecclesiology*). Para a teologia latino-americana destacarei as obras dos autores mencionados no capítulo dois da segunda parte.

Tentarei mostrar que a teologia de Barth abre caminho para a revisão da prática eclesial latino-americana a partir da segunda metade do século XX. Procurarei mostrar, ao mesmo tempo, que sua teologia continua sendo muito atual. Em 1919 dizia: “Não posso deixar de ser socialista. Jesus é o movimento operário, o movimento dos sem-terra, o movimento dos pobres da terra.” Essa é uma palavra profética para a teologia que se desenvolveria a partir dos anos de 1960 nas periferias do mundo. É o próprio grito da Igreja na América Latina. Sua

teologia, ao que parece, continua sendo a fonte que anima a Igreja em sua peregrinação. Longe de ser um teólogo enclausurado, se movimenta em ar esferas da experiência vivificante da Igreja de Jesus Cristo.

Estamos convencidos que não se pode dizer que KB era um teólogo luterano, calvinista ou zwingliano. O máximo que se pode dizer é que ele era um teólogo reformado com uma leitura crítica da Reforma. Barth não se enquadra como seguidor de nenhuma das nomenclaturas acima e nem mesmo de nenhum dos teólogos modernos que o antecederam. Sofreu influências de Kant, Hegel e Schleiermacher, porém, sempre citou esses autores criticamente. Este último foi um opositor à altura. Admirava-o sem segui-lo. Reconhecia sua profundidade teológica, mas teve a grandeza de não ser sequer um seguidor de si mesmo. Era um teólogo dinâmico sempre se reescrevendo, aprofundando e se corrigindo. Pode-se dizer que esse foi seu grande mérito.